



AFLUENTE: REVISTA DE  
LETRAS E LINGUÍSTICA  
2006-2024

10.18764/2525-3441V9N26.2024.19

## “Luz, câmera, ação!”: adaptações de contos machadianos na escola

“Lights, camera, action!”: adaptations of machadian tales at school

ANA CÂNDIDA SANTOS DE CARVALHO

<https://orcid.org/0000-0002-8837-8627>

JURACY ASSMANN SARAIVA

<https://orcid.org/0000-0003-1783-2850>

**Resumo:** Este estudo destaca a importância da narrativa literária na constituição do sujeito, analisando, em uma perspectiva discursiva, textos multissemióticos resultantes da leitura de contos do escritor Machado de Assis e de sua adaptação para a linguagem audiovisual. Fundamentado nas perspectivas teóricas de Bakhtin (2006, 2011), Santaella (2003) e Figueiredo (2010), o artigo analisa um roteiro e um curta-metragem produzidos por uma aluna do Ensino Médio, em 2024, inspirados no conto “Uns braços”, de Machado de Assis. Mostra-se como essas produções refletem a posição axiológica dos adolescentes, seus traços identitários, hábitos culturais e visões de mundo ao reinterpretarem as narrativas machadianas por meio do cinema. Parte-se da hipótese de que o processo de adaptação revela novas camadas de significação, permitindo que os jovens ressignifiquem os textos literários a partir de suas próprias perspectivas. Conclui-se que o processo, ao promover uma leitura ativa e participativa, valoriza a expressão criativa dos estudantes e contribui para debates contemporâneos sobre as relações interartes e o ensino da literatura.

**Palavras-chave:** Narrativa literária. Adaptação. Machado de Assis. Curta-metragem.

**Abstract:** This study highlights the importance of literary narrative in the constitution of the subject and analyzes, from a discursive perspective, multisemiotic texts resulting from the reading of short stories by the writer Machado de Assis and their adaptation into audiovisual language. Grounded in theoretical perspectives from Bakhtin (2006, 2011), Santaella (2003), and Figueiredo (2010), the article analyzes a script and a short film produced by a high school student, in 2024, inspired by the short story “A woman's arms,” by Machado de Assis. The article demonstrates how these productions reflect the axiological position of teenagers, their identity traits, cultural habits, and worldviews as they reinterpret Machado's narratives through cinema. It hypothesizes that the adaptation process reveals new layers of meaning, allowing young people to reinterpret literary texts from their own perspectives. It concludes that the process, by promoting active and participatory reading, values students' creative expression and contributes to contemporary debates about interart relations and the teaching of literature.

**Keywords:** Literary narrative. Adaptation. Machado de Assis. Short film.



## INTRODUÇÃO

A narrativa acompanhou a trajetória da humanidade, sendo presença constante em todas as sociedades, tempos e lugares. Tudo aquilo que se conta é, em essência, uma narrativa. É através dela que o sujeito encontra as formas linguísticas e discursivas necessárias para construir e expressar sua subjetividade. Nesse processo, o ouvinte ou leitor desempenha papel essencial, uma vez que a construção de qualquer história depende de sua cooperação e interpretação. Sem narrador e sem ouvinte ou leitor, não há narrativa, portanto, a habilidade de narrar, característica única do ser humano, é um aspecto fundamental de sua competência linguística e simbólica, que estabelece diálogo constante entre quem conta e quem ouve.

A história de vida é, dessa forma, profundamente influenciada pelas histórias lidas, assistidas ou ouvidas, que interferem em como o sujeito compreende e constrói as próprias narrativas. Ao ler ou assistir a uma história, o receptor transforma o texto e é transformado por ele, aspecto evidente na adaptação de obras literárias para o cinema, que constitui um diálogo entre a palavra e a imagem visual e potencializa novas interpretações. Por meio da linguagem cinematográfica, é possível recriar o universo de uma obra literária e atribuir a ela novos significados, tornando-a mais acessível e relevante para diferentes públicos, especialmente para os jovens, que têm a oportunidade de reinterpretar textos clássicos a partir de suas próprias perspectivas e experiências.

Esses pressupostos, orientaram um projeto de leitura, realizado com alunos do Ensino Médio de uma escola comunitária da região do Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, que utiliza a adaptação cinematográfica de contos de Machado de Assis como estratégia para o ensino da literatura. Ao adaptar contos para o cinema, os alunos têm a oportunidade de explorar suas habilidades criativas e discursivas, além de refletir sobre questões presentes na obra e em suas próprias vidas. Esse processo defende que

a relação entre as narrativas literárias e cinematográficas [...] não se restringe ao campo do que se convencionou chamar de 'adaptação', não se limita à análise dos procedimentos formais utilizados para recriar, através de uma arte mista como o cinema, uma intriga inicialmente tecida apenas com palavras" (Figueiredo, p. 18).

Os responsáveis pelo projeto acreditam, portanto, em trocas intertextuais, deslizamentos, intercâmbios que se realizam pela imbricação de ideias, pontos de vista, modos de enunciação. Sua realização fundamenta-se na perspectiva discursiva de Bakhtin (2006, 2010, 2011) e na concepção dos gêneros discursivos como orientação para as práticas de linguagem.

Com base nessas premissas, o artigo analisa o roteiro cinematográfico e o curta-metragem *E se...*, produzidos por uma estudante de 17 anos, no ano de 2024, a partir da leitura do conto "Uns braços", de Machado de Assis. Pretende mostrar como essas produções refletem a posição axiológica dos adolescentes, seus traços identitários, hábitos culturais e visões de mundo, ao mesmo tempo em que reinterpretam as narrativas machadianas por meio da linguagem do cinema. O artigo destaca que o processo de adaptação audiovisual revela novas camadas de significação nas narrativas literárias e oportuniza espaço para que os adolescentes as interpretem e ampliem sua compreensão dos textos e de seu próprio lugar no mundo. Portanto, a adaptação cinematográfica é um caminho para o ensino da literatura e se integra à ideia de interarte ao combinar elementos do texto literário com os recursos visuais e sonoros do cinema.

3

## LITERATURA E CINEMA: TRAVESSIA DE NARRATIVAS

A relação simbiótica entre cinema e literatura é complexa, pois, para além da organização narrativa, abrange aspectos das linguagens verbal e visual que constroem significados nos textos. O texto literário utiliza o signo linguístico para criar os mundos possíveis em sua narrativa, e o cinema, por sua vez, combina uma variedade de signos, como imagens, música e fala, além de outros elementos visuais, como gestos, caracterização dos personagens, iluminação e enquadramento para instituir o universo do "como se". A adaptação cinematográfica de obras literárias oferece, portanto, experiências sensoriais que exploram, pelos recursos do cinema, dimensões que, muitas vezes, não estão presentes no texto original.

Essa interação entre diferentes formas de expressão é parte de um processo mais amplo de transformações culturais que, segundo Lúcia Santaella (2003), ocorre continuamente na "cultura das mídias". Para a autora,

uma nova formação comunicativa e cultural vai se integrando na anterior, provocando nela reajustamentos e refuncionalizações. É certo

que alguns elementos desaparecem, por exemplo, um tipo de suporte que é substituído por outro [...]. É certo também que, em cada período histórico, a cultura fica sob o domínio da técnica ou da tecnologia de comunicação mais recente. [...] a cultura comporta-se sempre como um organismo vivo e, sobretudo, inteligente, com poderes de adaptação imprevisíveis e surpreendentes” (Santaella, 2003, p.13-14).

O cenário de constante adaptação cultural reflete-se nas adaptações cinematográficas de obras literárias, pois o cinema reimagina os textos clássicos, evidenciando-os como “produções coletivas e como resultado de negociações com o mundo social”, conforme aponta Chartier (2002, p. 10). O filme *Duna* (2021), dirigido por Denis Villeneuve, ilustra significativamente esse processo ao adaptar o clássico de ficção científica de Frank Herbert. A produção reinventa a narrativa original através de uma ambientação visual e sonora que intensifica as emoções e transporta o espectador para o deserto de Arrakis, planeta fictício onde a trama se desenvolve. A trilha sonora, de Hans Zimmer, foi especialmente criada para ampliar a imersão nesse ambiente árido e misterioso, com o uso de instrumentos únicos, como flautas de PVC que imitam sons da areia. *Duna* (2021) demonstra, assim, como as novas tecnologias cinematográficas podem revitalizar e recontextualizar uma obra literária ao criarem uma experiência sensorial e emocional que dialoga com as expectativas contemporâneas e se apoia nos elementos essenciais do texto original.

Os textos verbal e fílmico criam uma experiência distinta para leitores e espectadores. No cinema, o espectador percebe diversos recursos que são ativados durante a projeção, como sons, imagens e diálogos, e avalia se esses elementos fazem parte do mundo dos personagens (diegéticos) ou se estão presentes apenas para intensificar a experiência do público (extradiegéticos). A música, por exemplo, pode compor a diegese quando faz parte do ambiente do filme - como uma canção que os personagens escutam -, mas também pode intensificar emoções e destacar momentos cruciais. Dessa forma, ela é um veículo que acompanha e realça o estado emocional dos personagens, criando uma ponte entre o universo da história e a percepção do espectador.

Considerando a diferença das linguagens e dos efeitos das narrativas verbais e audiovisuais retoma-se o posicionamento de Saraiva (2003), que afirma:

A narrativa fílmica mostra para narrar, mas não pode prescindir dos signos lingüísticos mesmo quando a eles recorre secundariamente, pois o processo cognitivo de apreensão do relato se realiza pela

decodificação da imagem em palavras; a narrativa literária narra para mostrar e, ainda que não tenha como suporte a imagem visual, constrói, através do registro de apelos sensoriais, representações icônicas que o leitor vê com os olhos da mente (Saraiva, 2003, p. 26).

Por esse motivo, na transposição do literário ao cinematográfico, o filme torna-se um novo texto e funciona como uma releitura do seu hipotexto, conforme conceito de Gérard Genette (2010). Robert Stam (2008) amplia essa ideia quando sugere que assistir a uma adaptação é um processo de negociação entre o público e o texto original, pois o espectador traz suas próprias interpretações, contribuindo para a construção de novos significados. Assim, cada adaptação redescobre a obra literária por meio de uma nova lente (Stam, 2008, p.45), em que a fidelidade ao original não é o objetivo principal. Em vez disso, o adaptador busca criar uma experiência que dialogue com a essência da obra e explore as possibilidades visuais e sonoras do cinema.

Além de rerepresentar o texto literário, o cinema também contribui para a construção de novas interpretações culturais e sociais. Michel Maffesoli (1995), no início dos anos 90, já anunciava como característica fundamental para o tecido social a estética e a imagem, aspectos que cumpriram um papel importante para "religar" os atores sociais:

Por meio da imagem, eu participo desse pequeno outro que é um objeto, um guru, uma estrela, uma pintura, uma música, um ambiente etc., e por isso mesmo cria-se esse Outro, que é a sociedade... participação mágica que se acreditava reservada aos primitivos, e que volta a galope com o reencantamento do mundo. [...] Em cada um desses casos, há o contágio efetivo: sinto-me outro, e com o outro participo de uma emoção comum, que pode ser explosiva ou em total doçura, curta ou duradoura, mas que, em todos os casos, é intensa, traduzindo uma organicidade tribal muito forte e exprimindo melhor a pregnância de uma imagem ou de um conjunto de imagens, em um determinado corpo social (Maffesoli, 1995, p. 112).

Considerar aspectos sócio-históricos é essencial ao elaborar projetos que combinam texto e imagem, especialmente no trabalho com jovens e adolescentes. Desde o início do processo, é importante entendê-los como sujeitos pertencentes a determinados tempos e espaços. Narrativas cinematográficas podem, portanto, servir como ferramenta para abordar questões contemporâneas e dialogar diretamente com a realidade desses jovens, contribuindo para que construam as próprias interpretações do mundo, o que é imprescindível para a formação de suas identidades e para a compreensão de seus contextos sociais.

As adaptações cinematográficas funcionam, também, como meio de reapropriação cultural, pois potencializam as experiências dos jovens. Jean-Claude Carrière (1995) destaca que a "linguagem secreta do cinema" cria atmosferas únicas, capazes de capturar a atenção e a imaginação deles (Carrière, 1995, p. 76). Nesse processo, assumem o papel de cocriadores de sentido, interpretam e reconstróem as histórias a partir de suas próprias perspectivas e, assim, enriquecem a experiência literária e cinematográfica.

Walter Benjamin (1985, p. 228) aponta que, ao utilizar a reprodução mecânica, o cinema transforma a "aura" das obras literárias e abre possibilidades para novas interações do público com a narrativa original, o que democratiza o acesso a narrativas clássicas. Figueiredo (2010, p. 18), alinhada a essa perspectiva, defende a potência migratória das narrativas, na tensão entre o dizer e o mostrar e enfatiza que a transposição de um texto literário para o cinema é um processo de recriação, um "deslizamento". Cada adaptação deve buscar "soluções visuais" específicas, que respeitem e interpretem a essência da obra original, além de explorar a riqueza dos elementos audiovisuais do cinema, como a montagem, a trilha sonora, os enquadramentos e a linguagem corporal dos atores, segundo a autora.

Narrativa e discurso fundamentam a experiência didática que será abordada a seguir, a qual, como já referido, dedica-se à leitura dos contos de Machado de Assis e à sua adaptação para curtas-metragens, envolve estudantes entre 15 e 18 anos, do Ensino Médio e apoia-se na ideia de interarte como uma troca enriquecedora entre formas de expressão que desafiam a fidelidade ao original. Além disso, potencializa as possibilidades de interpretação dos contos e promove um espaço de criação que reflete, de forma contemporânea e alinhada às perspectivas juvenis, as temáticas machadianas.

## PROJETO OUTROS OLHARES: METODOLOGIA E PROCESSO CRIATIVO

O *Projeto Outros Olhares*, foco deste artigo, consiste na adaptação de contos de Machado de Assis a curtas-metragens e é realizado anualmente, desde 2002, com alunos do segundo ano do Ensino Médio de uma escola comunitária da região do Vale do Sinos. Desde sua criação, o projeto explora a intersecção entre literatura e outras mídias e tem se transformado para alinhar-se a uma

proposta educacional conectada às demandas do século XXI. Esse projeto dialoga com a visão de educadores como Antônio Nóvoa (2009), que defende a importância de práticas pedagógicas adaptadas às mudanças culturais e tecnológicas. Segundo ele, “educar é conseguir que a criança ultrapasse as fronteiras que, tantas vezes, lhe foram traçadas como destino pelo nascimento, pela família ou pela sociedade” (Nóvoa, 2009, p.31). Incentivar a criação de curtas-metragens a partir de contos literários é lançar um outro olhar para a literatura, a fim de que os alunos a conheçam e a interpretem, rompendo barreiras sociais e culturais que, por vezes, limitam sua expressão.

A concepção do projeto partiu da convicção de que aulas de Literatura e Língua Portuguesa não devem se limitar à transmissão de normas gramaticais ou ao estudo das características de correntes literárias. A equipe responsável pela proposta procurava novas abordagens para essas disciplinas, baseando-se na premissa de que a leitura literária não pode ser passiva. Pelo contrário, ela deve ser um espaço de múltiplas vozes, como enfatiza Bakhtin (2011) em sua teoria da polifonia, ao defender que toda obra literária reflete um conjunto de vozes que dialogam e se complementam. Essa perspectiva é essencial para o desenvolvimento de sujeitos críticos, autônomos e criativos.

Cerca de 2.300 alunos já tiveram participação direta nas atividades do *Projeto Outros Olhares*, as quais vão além das práticas tradicionais de leitura, como resumos, fichas de leitura ou questionários. Ao invés de apenas reproduzirem informações, os estudantes são convidados a vivenciar a literatura como campo de múltiplas possibilidades interpretativas, espaço de diálogo e reflexão crítica. Esse enfoque compreende os textos literários como produções humanas que carregam consigo a densidade das experiências, dos sentimentos e das questões sociais da época de sua produção.

As narrativas literárias revelam-se, para os adolescentes envolvidos, meio de reflexão sobre suas identidades e sobre as relações que estabelecem com o mundo ao seu redor, reforçando o papel transformador da literatura. Como sugere Calvino (1993, p. 16), a literatura ajuda a “entender quem somos e aonde chegamos”, porém, para isso, os estudantes precisam reconhecer a capacidade das obras de marcar as culturas que atravessam e de explorar questões universais e atemporais que continuam a dialogar com as inquietações do presente. Essa experiência torna-se ainda mais significativa no processo de

adaptação cinematográfica, em que os jovens são desafiados a traduzir para as telas os elementos literários que mais os impactaram, criando uma ponte entre a narrativa escrita e suas vivências contemporâneas.

Além da leitura dos contos, os alunos estudam o contexto histórico e as características da obra de Machado, ação importante porque a narrativa machadiana não segue uma linha rígida de causa e efeito, mas abre espaço para o inesperado, o contraditório e as complexidades das relações humanas. O realismo multifacetado de Machado, marcado por tramas que revelam as vaidades e os aspectos ocultos da vida cotidiana, é, portanto, fundamental para que os estudantes explorem as ambiguidades e as nuances dos personagens e desenvolvam leitura crítica sobre o comportamento humano. Assim, são capazes de mergulhar nas sutilezas do autor e aplicar essas camadas de significado na construção de suas adaptações cinematográficas, enriquecendo-as com uma visão que vai além da mera transposição da narrativa original.

Após a leitura e análise dos contos, os alunos são desafiados a selecionar um conto de Machado de Assis e transformá-lo em roteiro de curta-metragem. Para capacitá-los nas especificidades do roteiro cinematográfico, realizam-se estudos comparativos entre obras roteirizadas e suas versões fílmicas, entre eles *Cidade de Deus*, e discutem-se aspectos da linguagem cinematográfica, como escolhas de palavras, ângulos de filmagem e enquadramentos. Esse trabalho aproxima os estudantes dos desafios envolvidos na tradução intersemiótica e possibilita uma compreensão mais ampla das formas de adaptação e de criação cinematográfica. Concluída essa etapa, os alunos criam seus próprios roteiros.

A criação de roteiros de curtas-metragens é um processo de autoria, o que remete aos estudos de Bakhtin (2011). Para falar sobre a posição do autor na prosa romanesca, segundo ele, é preciso, inicialmente, distinguir o autor-pessoa, o escritor, do autor-criador, que é um constituinte do objeto estético, responsável pela sua forma, aquele que não apenas registra passivamente os eventos da vida, mas os recorta e os reorganiza, a partir de uma posição axiológica.

O autor-criador é, para Bakhtin (2011), componente da obra; ele não é simplesmente o escritor, nem o narrador ou uma instância gramatical do texto, mas a consciência de uma consciência, que engloba e dá acabamento à consciência do herói e do seu mundo:



A consciência do autor é a consciência da consciência, isto é, a consciência que abrange a consciência e o mundo da personagem, que abrange e conclui essa consciência da personagem com elementos por princípio transgredientes a ela mesma e que, sendo imanentes, a tornariam falsa (Bakhtin, 2011, p. 11).

O autor assume, assim, um grau extremo de objetividade em relação ao universo representado e às criaturas que o povoam, o que leva o teórico russo a afirmar que o autor-artista não inventa a personagem, ou seja, encontra-a já dada no mundo real e lhe dá forma: "O autor-artista pré-encontra a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente" (Bakhtin, 2011, p. 183). Importante mencionar a autonomia da personagem, como criatura do mundo ficcional, uma vez que "o autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele enforma, isto é, vê dessa criação apenas o produto em formação e não o processo interno psicologicamente determinado" (Bakhtin, 2011, p. 5). A voz do outro, refratada pelo olhar do autor-criador, está presente, é reconhecível no texto, isto é, na concepção bakhtiniana, se a autonomia do outro desaparece, desaparece, também, a linguagem romanesca.

A posição axiológica do autor-criador é, nesse sentido, um modo de ver o mundo, um princípio ativo de ver que guia a construção do objeto estético e direciona o olhar do leitor, chamado por Bakhtin (2011) de autor-contemplador, o qual necessita de distância, a exotopia, para atualizar o objeto estético. Nesse ato de criação, o texto literário apresenta uma face dupla: a leitura-escritura, já que a adaptação da linguagem literária para a cinematográfica amplia diversas formas de conhecimento, utilizando-se da palavra e da imagem como ferramentas de criação dos roteiros que, por sua vez, também se transformam em objeto de leitura. Ademais, destaca-se, a própria produção torna-se fonte de fruição da leitura, uma vez que as produções são lidas e apresentadas aos colegas.

Ao escolherem determinados textos, imagens, ângulo, maquiagem ou não maquiagem etc., os adolescentes estão, inevitavelmente, manifestando a matriz que embasa o sentido por eles atribuído. Esse processo de criação - e não, tão somente, o "produto final" - revela aspectos político-ideológicos, os quais tornam-se visíveis já desde as escolhas iniciais e perpassam ideologicamente as

construções. Nesse sentido, destaca-se Pêcheux (1995), para quem a ideologia é a matriz do sentido: “[...] as palavras, expressões, proposições... mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em relação às formações ideológicas” (Pêcheux, 1995, p. 160). Assim, a interpretação de um texto ou produção artística está sempre vinculada às posições ideológicas de quem o produz e de quem o interpreta, evidenciando o caráter discursivo e situado da criação.

Mainueneau (2006, p. 44), por sua vez, complementa essa visão ao considerar que “[...] não há, de um lado, um ‘texto’ e, do outro, distribuído ao seu redor, um ‘contexto’. [...] Não se pode conceber a obra como uma organização de ‘conteúdos’ que permitiria ‘exprimir’ de maneira mais ou menos enviesada ideologias ou mentalidades”. Para ele, o conteúdo de uma obra está intrinsecamente ligado às suas condições de enunciação, reforçando que o contexto é parte essencial do texto e não algo externo a ele.

Com efeito, na análise das manifestações discursivas desses estudantes, desde o início de suas produções, é possível observar a construção de determinada estrutura de sentido, minimamente, sendo atribuída, o que nos remete a Giddens e Sutton (2017), quando fazem referência à identidade, compreendida como sendo “sua própria compreensão de quem [somos] como indivíduo”. No entanto, as identidades possuem nítidos aspectos sociais, porque a “nossa identidade está relacionada às identidades de outras pessoas e as identidades dessas pessoas estão relacionadas à nossa” (Giddens; Sutton, 2017, p. 151).

A produção escrita é também um momento de compartilhamento, pois os roteiros são lidos pelos colegas e discutidos antes de serem filmados. Durante essa etapa, o gênero textual “roteiro cinematográfico” é explorado em sua estrutura e funcionalidade, com atividades que abordam o desenvolvimento de logline, sinopse, argumento e a construção do roteiro propriamente dito. O modelo utilizado baseia-se em exemplos de roteiros consagrados, como *Cidade de Deus* (2002), que servem para análise das escolhas narrativas e técnicas da linguagem cinematográfica. Os objetivos incluem o desenvolvimento da criatividade, a habilidade de organização textual e a compreensão dos elementos narrativos e visuais necessários à adaptação literária.

Essa prática atende aos objetivos gerais do Ensino Médio descritos na BNCC, como o desenvolvimento da competência de “compreender o funcionamento das diferentes linguagens e práticas culturais (artísticas, corporais e verbais) e mobilizar esses conhecimentos na recepção e produção de discursos nos diferentes campos de atuação social e nas diversas mídias, para ampliar as formas de participação social, o entendimento e as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade e para continuar aprendendo” (BNCC, 2019, p.490). Além disso, ao explorar o roteiro como gênero textual, o projeto segue a habilidade (EM13LP17): “elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas (BNCC, 2019, p.509)”, fortalecendo a autonomia e a criticidade no uso da linguagem.

Após a apresentação dos roteiros, os grupos organizam as filmagens, decidindo os papéis de cada integrante, como atores, editores e diretores. A etapa de produção é um momento de envolvimento coletivo, pois os alunos se apropriam dos textos adaptados e fazem ajustes para que sejam adequados à filmagem. Esse processo de “apoderar-se” do texto literário para transformá-lo em filme reflete a ideia de adaptação como um ato de ajuste e interpretação, fundamental para o diálogo entre literatura e outras mídias.

Antes das filmagens, os alunos participam de *workshops*<sup>1</sup> de direção, edição e outros aspectos técnicos do cinema, que contribuem para o aprimoramento de suas produções. Essas atividades reforçam a necessidade de pensar a adaptação como um procedimento que envolve múltiplas linguagens e formas de expressão, integrando elementos visuais, sonoros e narrativos. Aqui, a adaptação vai além do texto, manifestando-se nas escolhas de cenários, figurinos e na caracterização das personagens, elementos que refletem o olhar dos alunos sobre o universo ficcional e sobre sua própria realidade.

Ao final, os curtas-metragens são compartilhados com a comunidade escolar, em uma noite de estreia e premiação, ampliando o alcance das narrativas

---

<sup>1</sup> Os workshops são organizados pelos professores envolvidos no projeto e aplicados pelos estudantes que produziram os curtas-metragens em anos anteriores e por convidados especialistas: atores, produtores, músicos etc.

adaptadas e promovendo debates sobre temas machadianos relevantes para a juventude. Além desses temas, questões próprias da adolescência, como o peso das escolhas, as relações familiares e de amizade, a violência, o uso de drogas emergem nos curtas, enriquecendo o processo de adaptação literária com uma dimensão social e crítica. Ao longo dos anos, essa prática tem sido essencial para aproximar os jovens dos textos literários, o que fortalece sua formação crítica e cidadã.

## PERSPECTIVAS JUVENIS NA TRANSPOSIÇÃO DE "UNS BRAÇOS" PARA O CURTA E SE...

Para fins de análise, considerando as limitações de espaço, apresenta-se aqui a análise de um único roteiro e o seu respectivo curta. Ambos foram produzidos por uma aluna de 17 anos, do segundo ano de Ensino Médio, durante o ano de 2024, a partir da leitura do conto "Uns braços". O conto de Machado de Assis foi publicado, originalmente, em 1885, na *Gazeta de Notícias*, e, posteriormente, no livro *Várias Histórias*, em 1896.

A narrativa de "Uns braços"<sup>2</sup> ocorre no Rio de Janeiro do século XIX e apresenta, como protagonista, Inácio, um jovem de 15 anos, vindo de uma família modesta. O pai vislumbra um grande futuro financeiro para o filho e, por isso, confia-o ao amigo Borges para ser aprendiz na profissão burocrática da procuradoria judiciária. A mudança na vida do personagem é drástica, pois precisa viver sob a proteção de um homem que estava longe do ideal de uma figura paterna, ou mesmo de um patrão. Inácio morava no quarto dos fundos da casa e exercia um trabalho sem vontade nem habilidade.

Inácio vivia há cinco semanas na casa de Borges e de D. Severina quando a narrativa inicia. Durante o jantar, ele é acusado por Borges de ter "preguiça do corpo", de ter "sono pesado e contínuo" (p. 377) e de "devanear à larga" (p. 378). Também é o momento em que D. Severina é apresentada como a mulher que vive com Borges "maritalmente, há anos" (p. 377). Ela desperta, por meio da visão de

---

<sup>2</sup> A edição do conto "Uns braços" usada nas citações deste artigo pertence à antologia organizada por John Gledson - *50 contos de Machado de Assis* (2014). As referências entre parênteses serão reduzidas, portanto, apenas à indicação do número da página do livro organizado por Gledson.

seus braços, desejos no personagem que a eles se sente "agarrado e acorrentado" (p. 379). D. Severina é a única razão que impede Inácio de fugir da casa.

O "amor adolescente e virgem" (p. 381) que o rapaz devotava a D. Severina é ambíguo: é puro em razão da inexperiência e da sofreguidão emocional do moço, mas impuro por se orientar para uma mulher proibida que, por sua vez, à primeira suspeita de ser cobiçada pelos olhos de Inácio, rejeita a ideia de uma aproximação amorosa. Só que o susto passa e "há ideias que são da família das moscas teimosas: por mais que a gente as sacuda, elas tornam e pousam" (p. 379).

A ideia, portanto, não abandona D. Severina, ao contrário, vai se tornando de mansinho uma ideia fixa, e a procura de sinais da paixão de Inácio, termina, enfim, com a comprovação, quando ela "recordou então os modos dele, os esquecimentos, as distrações, e mais um incidente, e mais outro, tudo eram sintomas, e concluiu que sim" (p. 379-80). Mas, ao ter-se dado conta da paixão de Inácio, D. Severina hesita. Quando pega de surpresa, dissimula seus pensamentos, e chega "a pensar em dizer tudo ao solicitador, e ele que mandasse embora o fedelho" (p. 380). Certo dia, pensando que Inácio dormia, D. Severina aproxima-se dele silenciosamente e, movida por um impulso momentâneo, beija-o.

Muitas hipóteses abrem-se a partir dessa ação. Entre elas, é possível que D. Severina sentiu arrependimento do beijo quando se deparou com a apatia do jovem, tão inexperiente que seguira dormindo, sonhando com o beijo; ou sentiu indignação pelo moço que, estando acordado de olhos fechados, ignorou-a e rejeitou seu beijo; ou sentiu humilhação por ter perdido a razão e ter satisfeito um impulso; ou ainda sentiu culpa por ter, afinal, beijado outro que não Borges, cometendo adultério. Independentemente de quais e de quantas foram as opções, é bem provável que, como resposta à segunda hipótese, tenha partido dela a iniciativa de se livrar do dependente, o que acontece ao final do conto.

Machado de Assis constrói a relação entre os personagens, ao longo de "Uns braços", a partir de gestos mínimos e trocas de olhares. Essa escolha narrativa dá destaque à atmosfera de tensão e desejo que permeia a história, onde o não dito torna-se tão significativo quanto o que é explicitamente mencionado. Inácio, com sua juventude e inexperiência, percebe e absorve cada movimento de D. Severina com a intensidade que transforma o banal em revelação. O toque dela

é, para o rapaz, manifestação de um desejo que cresce em silêncio, alimentado pela impossibilidade e pela distância social que os separam, o que cria uma tensão interna, que é palpável ao leitor ao longo do conto.

O roteiro e o curta *E se...*<sup>3</sup> apresentam um dilema vivido pela personagem Bruna: ao se deparar com um anúncio de emprego, ela vislumbra a possibilidade de uma vida ideal, entregando-se a instantes de liberdade imaginativa, semelhante ao que Inácio vive ao fantasiar com a proximidade de D. Severina e ela também faz ao suspeitar da paixão dele. No entanto, assim como os personagens de "Uns braços" são trazidos de volta à realidade pelas convenções sociais, Bruna depara-se com suas próprias inseguranças e hesitações, que a impedem de tomar uma atitude concreta em direção ao que deseja.

Linda Hutcheon (2013) descreve a adaptação como um processo criativo de transformação, que permite às narrativas originais serem reinterpretadas em novos contextos e para diferentes públicos. Esse processo vai além de uma simples tradução de um meio para outro, mas consiste em uma recriação, que envolve escolhas estéticas, culturais e ideológicas. Segundo a autora, toda adaptação carrega em si uma tensão entre o respeito ao texto original e a necessidade de renová-lo para dialogar com os anseios e expectativas do público contemporâneo.

Para Hutcheon, adaptações são atos de interpretação, nos quais o adaptador, ao recriar o texto, insere suas próprias visões e perspectivas, tornando-se um coautor da obra adaptada. No contexto de *E se...*, a aluna que produziu o curta preserva a essência do conto machadiano – como os dilemas morais e as tensões internas dos personagens –, mas ressignifica o enredo ao incorporar elementos da vivência juvenil e das questões culturais e sociais do presente, o que ratifica a ideia da adaptação como oportunidade de diálogo entre diferentes tempos, espaços e subjetividades.

Além disso, Hutcheon destaca que o ato de adaptar é sempre uma forma de interação com a tradição, em que o adaptador não se limita a reverenciar o original, mas o desafia e o reconstrói, aspecto relevante em projetos educacionais como *Outros Olhares*, que incentiva os estudantes a reconhecerem a riqueza das narrativas literárias e trazerem suas próprias vozes para o processo criativo.

---

30 curta-metragem está disponível no *Youtube*, no link: <https://www.youtube.com/watch?v=8MDqYjfV49U>.

Dessa forma, as adaptações realizadas pelos jovens são um reflexo de suas identidades, valores e experiências e promovem um encontro entre literatura e cinema, que é tanto estético quanto profundamente pessoal.

O conto de Machado de Assis e o curta *E se...* estabelecem, portanto, um diálogo sobre os conflitos internos de seus protagonistas: no conto, Inácio vive a tensão entre a atração que sente por Dona Severina e os imperativos morais e sociais e, no roteiro e no curta-metragem, Bruna enfrenta a encruzilhada entre a resignação e a busca por seus sonhos, como exemplifica a Cena 4. A narrativa do curta reforça a ideia de que as escolhas feitas na adolescência influenciam significativamente o futuro, um tema presente entre o público jovem.

Cena 4: Imaginação Fugaz

Int. Café - Tarde (IMAGINAÇÃO)

Bruna entra no café nervosamente. O dono do café, um homem amigável e experiente, a recebe com um sorriso acolhedor.

Dono do Café: (sorrindo) Boa tarde! Posso ajudar?

Bruna: (tímida) Eu vi a placa... sobre o trabalho de barista. Eu nunca fiz isso antes, mas sempre foi meu sonho.

Dono do Café: (gentil) Não se preocupe com experiência. Eu ensino tudo. Em uma semana, você estará pronta.

A construção do universo adolescente em *E se...* ganha autenticidade por ser conduzida por uma protagonista jovem, que reflete a perspectiva de sua própria criadora, que também é jovem. A proximidade geracional entre a personagem e a autora favorece a verossimilhança da narrativa. A escolha da trilha sonora e a ambientação urbana reforçam essa autenticidade, situando o espectador em um contexto contemporâneo que evidencia os desafios cotidianos da juventude atual. Além disso, o curta traça um interessante paralelo entre questões juvenis e os dilemas morais explorados por Machado de Assis em suas obras, revelando de que forma temas como desejo, incerteza e escolha continuam a reverberar, mesmo em cenários e tempos distintos, como representado na Cena 3.

Cena 3: Encontro com a Oportunidade Perdida

Ext. Café na Rua Principal - Tarde

Enquanto Bruna caminha, uma placa colorida captura sua atenção: "Estamos contratando barista". Ela para, olha a placa com um sorriso crescente.

A narrativa do curta, que tem 7'02", também se destaca pelo uso do *plot twist*<sup>4</sup>. O momento em que Bruna está prestes a entrar na cafeteria, mas desiste, revela o poder das escolhas. Esse desfecho, que subverte as expectativas, dialoga com a incerteza e a insegurança características da adolescência.

Cena 5: Despertar para a Realidade

Ext. Café na Rua Principal – Tarde

A cena volta ao momento atual. Bruna pisca os olhos, percebendo que ela apenas imaginou toda essa cena. Ela suspira profundamente, desapontada consigo mesma.

Cena 6: Reflexão e Conclusão

Ext. Parque - Tarde

Bruna caminha pelo parque, perdida em seus pensamentos. Ela para em um banco, olhando para o horizonte com uma expressão pensativa.

Narrador (V.O.): (em voz over) "Ela percebeu que tinha deixado o medo tentar dominar sua vida, e a oportunidade que escapou por um triz a assombra até hoje."

16

Bauman (2001) caracteriza a sociedade atual como "líquida", marcada pela volatilidade e pela fluidez dos afetos e certezas. Essa condição, descrita pelo autor, aponta para um mundo onde a estabilidade é frequentemente substituída pela insegurança e pela incerteza, fatores que influenciam as escolhas e os comportamentos humanos. No curta *E se...*, essa liquidez se manifesta na indecisão de Bruna, cuja hesitação diante da oportunidade de trabalho reflete os dilemas contemporâneos relacionados ao medo de errar, à busca por estabilidade e ao desejo de realização pessoal. Assim, a protagonista vivencia a tensão entre o sonho de uma vida melhor e a realidade das suas circunstâncias, evidenciando a fragilidade das escolhas no mundo moderno.

A angústia vivida por Bruna é reflexo da tensão descrita por Bauman entre a fluidez das possibilidades e a constante incerteza sobre o que é tangível e

---

4 Plot twist (em português brasileiro: reviravolta no enredo) é uma mudança radical na direção esperada ou prevista do [enredo](#) de um [romance](#), [filme](#), [série de televisão](#), [quadrinho](#), [jogo eletrônico](#) ou outra obra [narrativa](#). É uma prática muito usada para manter o interesse do público na obra, para normalmente surpreendê-los com uma revelação surpresa. Quando acontece perto do fim de uma história, geralmente é conhecido como um final surpresa, uma conclusão inesperada que faz com que o [público](#) pare para reavaliar toda a narrativa e os personagens. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Plot\\_twist](https://pt.wikipedia.org/wiki/Plot_twist). Acesso em: 24/11/2024.



seguro, aspecto que revela o caráter crítico do curta, representativo de um drama pessoal inserido em um contexto social amplo, que convida o espectador a refletir sobre os impactos das dinâmicas contemporâneas nas decisões e nos sonhos dos jovens e, nesse contexto, a música *Just my imagination*, dos The Cranberries, é uma trilha sonora que dialoga diegeticamente com a narrativa. A canção, que fala sobre sonhar com uma realidade que não se concretiza, reflete sobre os dilemas de muitos jovens que, como a protagonista do curta *E se...* e o protagonista do conto "Uns braços", imaginam futuros possíveis e desejáveis. A letra, que repete "it was just my imagination" (*era apenas a minha imaginação*), alinha-se com o estado emocional de Bruna, cujos sonhos de uma vida diferente são confrontados com a complexidade de suas circunstâncias.

A escolha das locações para a gravação do curta-metragem e a construção de espaços sugestivos no roteiro são reveladores de questões axiológicas. O ambiente urbano, onde se desenrola a história de Bruna, remete ao cenário de incertezas e contradições da vida moderna. Essas escolhas representam a realidade de adolescentes urbanos, para quem a cidade ganha um contexto simbólico, que influencia suas angústias e sonhos.

A adaptação revela a capacidade dos jovens de reinterpretar a literatura clássica a partir de suas experiências contemporâneas, como defendem teóricos como Figueiredo (2010), que discute a migração de narrativas entre diferentes meios e contextos. A transposição de um conto para um curta-metragem, portanto, é uma mudança de forma e de sentido, que pode dialogar com o que é relevante para os jovens contemporâneos uma vez que, segundo a autora, "todos vivemos na ficção e no narrativo" (Figueiredo, 2010, p. 91).

### Aspectos da adaptação

A teoria de Linda Hutcheon (2013), que compreende a adaptação como recriação e não mera transposição, fundamenta as escolhas narrativas e estéticas dos estudantes. Nesse contexto, o roteiro *E se...* pode ser analisado como um produto independente, que, embora inspirado no conto "Uns braços" de Machado de Assis, apresenta características únicas e autonomia narrativa.

Ao adaptar o texto original, o roteiro consegue manter um diálogo com a obra machadiana, ao mesmo tempo em que se reinventa. A mudança de foco para uma protagonista feminina – Bruna – é um exemplo claro de atualização

temática. Enquanto o conto de Machado explora as tensões emocionais e morais de Inácio dentro de um contexto social rígido, o roteiro coloca em cena uma jovem mulher lidando com a insegurança diante de escolhas que poderiam transformar sua vida. Dessa forma, a insegurança de Bruna é apresentada como um reflexo de dilemas contemporâneos, especialmente de jovens que buscam encontrar seu caminho em meio a um mundo de incertezas.

Além disso, a adaptação de um conto introspectivo e literário para uma narrativa audiovisual é uma mudança significativa na forma. O conto de Machado, com sua análise psicológica e introspectiva, dá lugar a uma narrativa visual que explora a jornada emocional de Bruna por meio de diálogos, descrições visuais detalhadas e trilha sonora dinâmica. A cena 4: "Imaginação Fugaz", por exemplo, é uma adição criativa que não existe no texto original e demonstra como a adaptação pode expandir o universo narrativo, oferecendo ao público uma representação visual das emoções e frustrações da personagem, algo que a literatura machadiana faz de maneira mais sutil e introspectiva.

Hutcheon (2013) também destaca que o público desempenha um papel fundamental no processo de adaptação, trazendo suas próprias experiências e interpretações ao consumir a obra. Nesse sentido, *E se...* é uma adaptação que busca uma conexão direta com o público jovem, utilizando elementos familiares e reconhecíveis, como o cenário urbano e as inseguranças relacionadas à busca por oportunidades de trabalho. Esses elementos tornam a história de Bruna especialmente relevante para aqueles que enfrentam dilemas semelhantes, como o medo de errar e a pressão por escolhas que possam moldar seu futuro.

A alternância entre as cenas de imaginação e realidade no roteiro cria impacto emocional, envolvendo o espectador e convidando-o a refletir sobre suas próprias experiências de medo, arrependimento e escolhas perdidas. Embora a adaptação tenha raízes em um contexto literário específico, ela aborda temas universais que transcendem o tempo e o espaço, como o medo, o arrependimento e a superação. Isso garante que a narrativa, apesar de sua origem no conto de Machado, seja acessível e significativa para um público amplo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresenta como a transposição do conto “Uns braços”, de Machado de Assis, para o roteiro e o curta-metragem *E se...*, produzidos por uma aluna de Ensino Médio de uma escola comunitária da região do Vale do Sinos, Rio Grande do Sul, evidencia o movimento de interação entre literatura e cinema. A análise revela que a adaptação não é uma transcrição do enredo original para o audiovisual e, sim, um processo dialógico de recriação, em que o sentido literário é ampliado e recontextualizado para dialogar com a experiência juvenil contemporânea.

A adaptação audiovisual afirma os traços identitários e axiológicos dos adolescentes e apresenta personagens e situações que dialogam com suas próprias vivências. Reinterpretando o conto, os alunos colocam-se no papel de cocriadores, projetam suas perspectivas sobre o mundo e refletem seus próprios dilemas e valores. Esse exercício, que transforma o texto literário em *logline*, sinopse, argumento, roteiro e, finalmente, filme, fortalece o protagonismo estudantil e valoriza um aprendizado que ultrapassa o conteúdo literário.

O estudo também confirma que projetos de adaptação literária em ambiente escolar são eficazes para promover uma leitura participativa e crítica, pois estimulam os alunos a questionar, interpretar e expandir os sentidos da obra literária a partir de suas próprias referências culturais e subjetivas. Além disso, é uma prática que reforça a importância de uma pedagogia ativa e integradora, que combina literatura e cinema para formar leitores e espectadores críticos, capazes de se relacionar com a obra de forma dinâmica e pessoal.

19

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2010.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BAZIN, André. **O que é o cinema?**. Trad.: Eloisa Araújo Ribeiro. Prefácio e apêndice: Ismail Xavier. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos**. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. **A linguagem secreta do cinema**. Trad. Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHARTIER, Roger. **Do palco à página**: publicar Teatro e ler romances na época moderna – séculos XVI-XVIII. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.
- DUNA. Direção de Denis Villeneuve. Hollywood, Los Angeles (CA): Warner Bros. Pictures, 2021. 1 vídeo (155 min). son., color.
- FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain de. **Narrativas migrantes**: literatura, roteiro e cinema. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: 7Letras, 2010.
- GLEDSOON, John. **50 contos de Machado de Assis**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2014.
- GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. **Conceitos Essenciais da Sociologia**. São Paulo: UNESP, 2017.
- GENETTE, Gérard. **Palimpsestos**: a literatura de segunda mão. Trad. Cibele Braga *et al.* Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.
- HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Trad. André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.
- NÓVOA, António. **Professores**: Imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.
- O'RIORDAN, Dolores; HOGAN, Noel. Just my imagination. *In*: THE CRANBERRIES. **Bury the Hatchet**. Nova York: Island Records, 1999. 1 disco sonoro. Faixa 1 (3 min 41 s).
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Unicamp, 1995.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura e cinema**: Encontro de linguagens. *In*: \_\_\_\_\_. Narrativas verbais e visuais: leituras refletidas. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003. p. 9-26.
- STAM, Robert. **A literatura através do cinema**: realismo, magia e a arte da adaptação. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

Enviado em: 30 de outubro de 2024  
Aprovado em: 17 de novembro de 2024